

os vícios dos escritores

andré canhoto costa

A vida não é mais do que uma sombra ambulante, um pobre ator
Que suporta e gasta a sua hora em cima do palco
E em seguida deixa de se ouvir. É um conto
Contado por um idiota, cheio de som e fúria,
Nada significando.

Shakespeare, *Macbeth*, IV, 5



ÍNDICE

Aviso por causa dos leitores mais sensíveis	11
Dos escritores viciados não fala a literatura	21
Luís Vaz de Camões	23
Giacomo Casanova	41
Manuel Maria Barbosa du Bocage	59
Thomas De Quincey	75
Edgar Allan Poe	87
Nikolai Gogol	103
Camilo Castelo Branco	115
Charles Dickens	129
Fiódor Dostoiévski	143
Herman Melville	159
Eça de Queiroz	173
Oscar Wilde	187
Luigi Pirandello	205
Fernando Pessoa	217
Jaroslav Hašek	233
Louis-Ferdinand Céline	245
Marcel Proust	257
James Joyce	275
Franz Kafka	291
William Faulkner	303
Ernest Hemingway	321
Philip K. Dick	341
Li centenas de livros mas sinto-me a pessoa mais estúpida do mundo: a conclusão possível	363
Bibliografia	375



AVISO POR CAUSA DOS LEITORES MAIS SENSÍVEIS

Se estás a ler este livro, deixa-me dizer-te, isso é um péssimo sinal. Pensa bem! É este o momento para pousar o livro discretamente, sem ninguém ver. Há todos os motivos para abandonar esta nefasta leitura, entrar numa rede social e insultar o primeiro-ministro, dizer mal de um cantor, criticar um treinador de futebol, chatear um jornalista, ou simplesmente citar um filósofo croata a dizer mal das redes sociais. Com efeito, a única vantagem oferecida por este livro é a oportunidade para falares de livros que nunca leste, nem lerás, pois grande parte dos livros são chatos e conduzem à mesma conclusão a que qualquer pessoa chega após sentir-se indisposta por ingestão de comida estragada. A náusea existencial é um atributo dos intestinos, não necessitamos de Literatura. Mas fazer um brilhar-te num jantar, entre pessoas com ambições culturais, ou conquistar a pessoa amada, exige a leitura de obras de arte. Este livro é um contributo, desde logo, para o alívio da humanidade, no sentido de ganhos de eficiência no tempo consumido. Ouvi um escritor aclamado a defender na televisão que a «avaria é a possibilidade de um novo humanismo». Discordei profundamente. Dois dias depois vi o referido escritor a caminhar na rua ao telemóvel. Talvez estivesse a fazer queixa de uma avaria, criando assim um novo movimento humanista. No meu caso, tenho ambições mais rasteiras, gosto de eletrodomésticos que funcionem e não coloco demasiada pressão sobre a humanidade. Na verdade, este livro quer combater a ideia das Humanidades como regresso a qualquer coisa de Humano (lento, natural, verdadeiro, avariado) como se não fossem os humanos (até ver) as mais espetaculares máquinas de todos os tempos. Para o provar, recomendo a utilização deste livro como manual de conversação para casos amorosos

desesperados. Com algum engenho, pode permitir alcançar boas notas em exames nacionais de língua portuguesa ou mesmo em frequência universitária de estudos literários. A utilização deste livro em contexto académico também pode correr muito mal, aviso desde já. Como sabemos, o aumento do repertório de ideias e a verbalização dos mais variados estados mentais não garantem cem por cento de sucesso quanto aos objetivos do utilizador. Uma coisa é certa: depois da leitura deste livro, não voltarás a ser a mesma pessoa. Terás lido umas centenas de páginas, estarás mais longe do nascimento e mais perto da morte. Esta notícia não é simpática, nem muito inteligente, mas é a única conclusão que não envergonha o espírito de sinceridade deste necessário aviso.

PARA O LEITOR OU A LEITORA SEM PACIÊNCIA PARA
AUTORES CONVENCIDOS DE SEREM MUITO INTELIGENTES,
RECOMENDAMOS O SALTO DESTA INTRODUÇÃO
— VÁ DIRETAMENTE PARA «DOS ESCRITORES
VICIADOS NÃO FALA A LITERATURA»

Se ainda aí estás, quero dizer-te que considero a ideia de Literatura das mais brilhantes invenções de sempre. Uma invenção baseada na vaidade humana e na bendita curiosidade. Ou seja, o escritor convence o consumidor de livros de ter descoberto coisas já conhecidas ou coisas em que o escritor nem sequer pensou. No fundo, exploração intensiva de capital humano, ou como diria Sancho Pança, uma perda de tempo irremediável. Haverá vício mais perigoso? Creio que não. D. Quixote chegou a essa mesma conclusão, levando imensa porrada pelo caminho. Na verdade, vi recentemente um psicólogo a alertar para o perigo de uma nova dependência: o vício das redes sociais. Quando passamos a ter medo das palavras (ou de fotografias de gatinhos) estamos perdidos. Sim, bem sabemos, a necessidade de aprovação pode ser destrutiva. A satisfação originada pela dopamina, a substância libertada quando sentimos a fragrância sensual de um *Like*, pode causar dependência. Ou seja, estamos completamente tramados, no sentido em que estamos reduzidos a experimentar o prazer à frente de um ecrã, incrustado num bocado de plástico com baterias feitas de materiais escavados num buraco no fim do mundo, por crianças esfomeadas. Como qualquer outra dependência, com o passar dos anos, o vício dos ecrãs destruirá relações, custará muito tempo e dinheiro, e tornará a vida pior. Mas

poderão os psicólogos ter a certeza de que uma dependência torna a nossa vida pior? Como poderemos saber se existe sequer a possibilidade de vida humana sem uma dependência qualquer?

FECHAR OS OLHOS E MERGULHAR NO VÍCIO: CONSELHOS DE UM DESDENTADO

Sem a literatura impressa, talvez estejamos condenados a mergulhar nas redes sociais, é um facto! Mas sem redes sociais talvez nos afundássemos no álcool ou no jogo. Ou talvez nos queiramos afundar no álcool, nas redes sociais e no jogo, tudo ao mesmo tempo. A esse desporto podemos também chamar literatura, aliás, um vício sem o qual este autor que vos fala teria muito mais dificuldades em sobreviver. Daí este amoroso ódio pela Literatura. Daí a necessidade trágica, sacerdotal, satírica e grotesca, de nos convertermos à Literatura, ou seja, de nos convertermos aos textos e aos livros, como forma de ganhar a vida. Melhor seria ter ido para toureiro. A triste figura era a mesma, embora tendo em conta o que vai seguir-se, enfrentar touros (sendo mais bárbaro) talvez seja mais seguro.

«O PRAZER DO TEXTO É O MOMENTO EM QUE O MEU CORPO VAI SEGUIR AS SUAS PRÓPRIAS IDEIAS», DISSE ROLAND BARTHES, ANTES DE SER ATROPELADO POR UM AUTOCARRO

Os filósofos franceses são os reis da contestação. Já não lhes resta mais nada: sexo transgressor e denúncia dos filisteus, dos mentirosos e dos sacerdotes de todas as castas, a começar pelos professores (péssima frase em termos comerciais) e a acabar nos políticos (aqui não há problema, os políticos não leem livros, caso contrário não seriam políticos). Calma, camaradas. Eu, populista me confesso, sobretudo no momento de lavar os dentes. Uma boca impecável faz falta a toda a gente, mas custa dinheiro. Os filósofos franceses, todos com dentição impecável, tiveram tempo para descrever os segredos trágicos da ordem política contemporânea: a construção do Estado garantiu uma aparência de segurança e uma escassa oportunidade para a vasta multidão de pobres. Mas em troca, submeteu o corpo, transformou o desejo em virtude cívica. Se tomarmos o exemplo do

poeta, vemos como transformou a sua imaginação em catálogo de feira e a vontade de amor com o corpo desejado numa sessão de leitura, para não falar das entrevistas aos suplementos culturais. Enfim, fizemos do animal selvagem uma besta doméstica.

Quando a situação se tornou insustentável, apareceu o conceito de *Literatura*. O filósofo-guru Roland Barthes perguntou: quem é que suporta sem vergonha a contradição? Ora, toda a gente, menos o escritor, ou qualquer outra estátua de alegadas virtudes condenada a produzir macacos de repetição. Que o prazer seja um jogo, ninguém duvida. Mas saberemos nós se existe um jogo onde não existam derrotados? Eis uma das grandes mentiras da Literatura: a ideia da leitura como benefício geral. Uma grande parte dos escritores (mesmo os legitimamente autorizados pelo monopólio do gosto educado) não perde muito tempo a ler. Para o provar, convido o leitor a abrir um livro qualquer. As hipóteses de se deparar com um idiota são muito elevadas e o autor destas linhas não se exclui desse hipotético cenário probabilístico. No fundo, não há assim tanto a ganhar com a leitura que não possa ganhar-se em muitos outros atos da nossa existência, como por exemplo a fritura de pastéis de bacalhau, e estou com isto a citar um escritor muito premiado. De resto, a multidão do estádio, urrando e assoberbando, pode levar um clube a dispensar um mau jogador. Não interessa que a multidão perceba de tática, basta ter pago o bilhete. A literatura funciona da mesma maneira, mas o problema é que o jogo demora eternidades. E acontecem terríveis injustiças ao nível da arbitragem.

LE PLAISIR DU TEXTE, OU SEJA,
FALAMOS FRANCÊS E TOCAMOS PIANO

Toda a disciplina exige uma definição do limite e uma punição. No caso do corpo — mas também nessa acumulação de textos sagrados, chamada a Grande Literatura —, a disciplina exige sempre uma explicação dos desejos mórbidos, ou seja, visibilidade de todas as perversões. Mas os escritores protestaram desde o início, cumprindo um duplo papel. Por um lado, carrascos da sua saúde. Por outro, ajudantes na missa da reputação literária, esse triste desporto das classes médias. Quantos adolescentes continuam a sacrificar a sua existência — e as suas angústias — a um torneio selvático e sem regras, em nome dos mais doentios valores para fins edificantes, estudando Humanidades?

Se os escritores (e incluo aqui também economistas, historiadores, filósofos e sociólogos) percebessem alguma coisa sobre a natureza humana, teriam arranjado uma cura para as doenças venéreas, ou criado indústrias especializadas no fabrico de sanitas adaptadas ao ato de vomitar, de forma a aliviar a ressaca dos seus irmãos em humanidade. Mas não. Quiseram (querem) antes consolar as nossas dores através da *Palavra*. Magnífica inovação! Mas já patenteada pelo filho de um carpinteiro, Jesus, esse projeto falhado de terrorista, criado ali muito perto da faixa de Gaza.

A LITERATURA COMO ANESTESIA

In vinus veritas, disse um filósofo dinamarquês, cuja leitura não recomendo. Só leio filosofia de países com atrizes pornográficas consagradas, ou seja, Rússia, Alemanha, Itália e EUA. Cuidado, não sou um transgressor, detesto excessos, nunca li Alberto Pimenta e gosto moderadamente de Luiz Pacheco. Bataille chega a ser um chato. Bukowski? Não conheço, e Cocteau não convence ninguém. Em suma, tenho pouca paciência para pessoas demasiado histéricas. Mas não me conformo com o ambiente ovino em que se transformou a cultura literária em geral. Pusemos (puseram-nos) a canga no cachaço, falta toureiro, faltam corneteiros de praça, faltam espanholas dançarinas com coxa vigorosa, faltam bandarilheiros de calça justíssima e sapato com pompom, falta festa, falta purga, falta, como diria Natália Correia, o animal que espeta os cornos no destino.

Ora, imaginemos o elegante professor canadense Marshal McLuhan, bigodinho aristocrático e corpo longitudinal sempre envolvido por fatos de veludo em tons de verde-caça, dizendo: todas as transformações culturais — sobretudo as grandes revoluções tecnológicas — obrigam as sociedades a encontrar uma qualquer forma de anestesia. Estabelecer a dor como primordial estrada do conhecimento é tentação quase tão antiga como a ideia de paraíso. Enquanto se discutiam os benefícios da anestesia nas intervenções cirúrgicas, a literatura operava a sua própria cirurgia interna, pela mão dos mais extraordinários escritores que o mundo conheceu até hoje. Atenção ao desfile! Melville publicou *Moby-Dick*, *a baleia branca* (1851) e *Bartleby, o Escrivão* (1856). Nikolai Gogol, *Diário de Um Louco* (1835), *O Inspector* (1836), *Almas Mortas* (1842) e *O Capote* (1842). Charles Dickens, *David Copperfield* (1849-1850) e *Tempos Difíceis* (1854). Flaubert, *Madame Bovary* (1857). Edgar Allan

Poe, *Filosofia da Composição* (1846), *A Narrativa de Arthur Gordon Pym de Nantucket* (1838), *Os Crimes da Rua da Morgue* (1841) e *O Corvo* (1845). Escusamos de continuar. Para o aspirante a escritor na década de 1850, não restava outro caminho a não ser o suicídio, dado o nível da concorrência. Tinham acabado de inventar a venda de romances em fascículos e os livros massificavam-se através das primeiras edições baratas. Viva o mercado. Abaixo os mandarins. Não quero contudo desenvolver esta linha de raciocínio. É muito arriscado.

O PRAZER DA CHATICE

A literatura tem qualquer coisa da promessa transcendental dos an-siolíticos. Tremenda ilusão. Para escapar à falsidade plastificada do mundo moderno, o escritor (e o masculino não é casual) apresenta-se como um homem acossado, desesperado por transformar a sua desorientação numa experiência geral do mundo. Até há quem estabeleça comparações entre o adiamento do orgasmo masculino (as mulheres estarão menos dependentes do ato único) e as estratégias para adiar o fim da narrativa. No fundo, mais uma estratégia do sujeito moderno para se validar a si próprio como origem de sentido. Experiência e conhecimento. Sim, conhecimento. Mas conhecimento de quê? Burroughs, depois do seu período narcótico, repetiu bastante a via do conhecimento, a tentativa de superar o corpo animal, o planeta Terra, e entrar na era do espaço. Ainda que a recomendação fosse a de atingir a estratosfera, as altitudes, através de vias naturais (e o que é a natureza?), não se entende esta obsessão com outros estados de existência. Dito de outro modo, de onde nasce o desconforto com a dimensão física do indivíduo? Cristianismo requeitado? Serão os escritores os mártires santificados desta religião do século XXI: a espiritualização artística da dificuldade de viver? Recomendo uma cerveja e uma sandes de presunto.

ALTERAÇÕES DO SISTEMA NERVOSO E POTÊNCIA ARTÍSTICA

Na Paris de início do século XX, poucos artistas não fumavam ópio. Pablo Picasso, Claude Debussy, Guillaume Apollinaire, Blaise

Cendrars, Salvador Dali. Eram todos fumadores habituais. A desagregação dos impérios e da civilização liberal tornava ainda mais dolorosa a experiência de viver e os artistas respondiam com a química. Claro que a droga, por si só, não garante nada, antes pelo contrário. William S. Burroughs, Jean Cocteau ou Jack Kerouac devem ter chutado doses industriais, o que não fez de qualquer deles um escritor digno de registo, sequer sofrível, apesar das generosas tentativas. Pelo contrário, Proust ou Pessoa foram consumidores de vinho e drogas várias, mas pairam nas alturas da imortalidade literária (bem, uns dois ou três séculos se tanto). A morfina, cocaína, heroína e outras drogas foram utilizadas entusiasticamente por diversos escritores. A morfina não tinha o misticismo oriental do ópio mas trazia uma áurea de modernidade com as injeções, e claro, os seus efeitos supersónicos. A descoberta do cérebro como um órgão plástico, passível de ser modelado pela experiência, com diferentes camadas, estimulou o uso de substâncias artificiais e induziu a capacidade de suscitar monstruosidades morais, dimensões adormecidas, inacessíveis do cérebro e, por isso, do comportamento, logo, foi terreno fértil para a literatura.

RAPSÓDIA DE ESCRITORES VICIADOS

A obra-prima de Stevenson, *Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, versa sobre um utilizador de drogas a tentar libertar-se da vida burguesa através do artifício químico. O famoso apreciador de chá, o Dr. Johnson, utilizou o ópio para combater a melancolia e o medo dos riscos, necessariamente associados à vida. Voltaire era um literato e, por isso, menos prevenido quanto aos perigos do ópio. Pelos vistos, o homem do iluminismo provou as delícias demoníacas dos narcóticos, após sugestão de um amigo de infância, o duque de Richelieu, e acabou por tomar láudano, em doses cavalares. Novalis defendeu as vantagens do ópio na cura dos mais diversos problemas fisiológicos. Pertencia ao grupo de cientistas e escritores convencidos da importância da farmacologia na produção de uma saúde artificial, em revolta contra os limites do nosso corpo animal. Keats, Byron e Shelley: três casos de inteligência artística e filosófica invulgar utilizaram láudano, tanto para combater a dor física como para alcançar, diríamos hoje, uma certa estabilidade emocional. Walter Scott foi um grande apreciador de ópio. Wilkie Collins tomou láudano durante vinte anos. Baudelaire considerava o frasco de láudano um velho e terrível amigo. Conta-se que um farmacêutico de

Bruxelas propôs ao editor um acordo para a cedência de duzentas cópias de *Paraísos Artificiais*, para publicitar um extrato de marijuana desenvolvido no seu laboratório caseiro, mas Baudelaire rejeitou a ideia. Flaubert estava interessado em escrever um romance sobre haxixe intitulado, muito sugestivamente, *La spirale*. Paul Verlaine era um alcoólico e certa vez encontrou Rimbaud pedrado no *Hotel des Etrangers*. Mas Rimbaud não ficou muito impressionado com as drogas e deixou de escrever. André Malraux era alegadamente viciado em ópio. Até Foucault tomou LSD, e alegadamente também Heidegger experimentou LSD na companhia de Jünger, o que explicaria muita coisa.

OS EFEITOS TERAPÊUTICOS DO VÍCIO

O vício não é apenas uma desinibição, é uma demanda da vontade íntima e um combustível para a concretização dos nossos íntimos desejos. E como a vontade é um emaranhado de raciocínios e memórias, o vício é pelo menos uma denúncia de todos os mecanismos construídos para esconder a mais ameaçadora das verdades: não sabemos nada sobre a vontade, ou seja, sabemos apenas coisas laterais aos segredos dos nossos desejos e ações. E muito menos sabemos quem somos. Normalmente, o vício revela, cristalinamente, o limite do nosso corpo. Ou seja, o vício é o verdadeiro libertador da humanidade. Se não morrermos no processo, claro. Um alto preço a pagar, sem dúvida. Mas justo. A economia alega ter descoberto os limites da natureza e todos os fenómenos indutivos de prazer (da religião ao ópio) têm sido a única defesa contra os projetos de robotização da sociedade. Mas não sei se existem razões para temer o prazer artificial. Não temos feito outra coisa, para lá da exaustão da nossa inteligência diante da necessidade de prazeres cada vez mais elaborados, a começar pelos chamados livros clássicos e a acabar na programação de vídeo-jogos. Estaremos um pouco assustados, sem dúvida. Mas podemos sempre explorar o medo e a incerteza, através da *Literatura*, se não tivermos dinheiro para vícios mais caros. O sucesso dos escritores a longo prazo parece ter alguma relação com a queda no vício. Mas não garanto nada, não quero parecer *um escritor*.

A HERMENÊUTICA DO SUJEITO E O MERCADO DO PÃO COM CHOURIÇO

Sem vícios, não há escritores. Mas sem dinheiro não há vícios. A literatura, a chamada Grande Literatura, não tem sido, alegadamente, uma forma aconselhável para acumular dinheiro. Por outro lado, o doutor Samuel Johnson (um intelectual inglês morto há três séculos) foi definitivo em relação a este assunto: ninguém a não ser um parvo escreve por outra razão a não ser dinheiro. Não subscrevo inteiramente esta bela afirmação, embora a ideia me seja simpática. A fama e a reputação, qualquer que seja a sua valorização monetária ao longo da história, sempre foi um dos alvos preferenciais, tanto da grande como da pequena literatura. Também sabemos como nem sempre a fama foi atingida em vida e, mesmo quando o foi, nem sempre veio acompanhada pelo dinheiro. O leitor já terá notado que, neste como em qualquer assunto, acabamos sempre a falar do ressentimento perante a riqueza e o poder, ou seja, acabamos sempre a falar de Literatura. Das nossas ideias de sucesso e valor, pois o dinheiro permite comprar vontades e satisfazer desejos. Sejam esses desejos comprar uma semana de alojamento nas imediações do Santuário de Fátima ou os serviços de uma prostituta de luxo. Os escritores ganham a vida a descrever estas coisas. Ninguém os pode censurar.

Na verdade, quando não é possível alimentar durante mais tempo a hipocrisia, temos de recorrer aos livros. Ou seja, vamos em busca de um ombro amigo. Fazemos então a mais triste das figuras, convencidos de que os livros encerram alguma sabedoria superior, como se os homens e mulheres levados a escrever não fossem, desde logo, os mais desorientados. Podemos insultar quantos autores de autoajuda quisermos. A diferença entre Gustavo Santos e Gonçalo M. Tavares (para citar dois gurus do nosso tempo) é menor do que se poderá pensar. Escrevemos para fazer de conta que sabemos alguma coisa. É aclamado pela crítica quem melhor esconde a sua ignorância. Que outra coisa para além da ignorância pode levar alguém a escrever? Talvez o dinheiro.



**DOS ESCRITORES
VICIADOS
NÃO FALA
A LITERATURA**

Ficha Biográfica



Nome: *Luís Vaz de Camões*

Nacionalidade: *Português*

Data de Nascimento:

Cerca de 1524

Local de Nascimento:

Lisboa (?), Portugal

Data de Óbito:

1579 ou 1580

Local de Óbito:

Lisboa, Portugal

Obras-primas:

Os Lusíadas, Rimas



LUÍS VAZ DE CAMÕES

AUTOAJUDA, MULHERES E NEOPLATONISMO — TRÊS VÍCIOS RENASCENTISTAS

Antes de fazer dez anos este autor que vos fala decorou as duas primeiras estrofes de *Os Lusíadas*. Era uma criança sem grande noção da utilidade. Ou com necessidades mentais bastante duvidosas. Como o autor não sabe de quem é a culpa de ser o que é, nem por onde passa a fronteira entre a mente e as ilusões (podemos também dizer as instituições) coletivas, e como a introspeção é a única vigarice literária suportável, pretende explorar a sua atribulada relação com o mais celebrado poeta nacional, Luís Vaz de Camões, morto há mais de quatro séculos, e eleito pelas políticas públicas de educação como um dos pilares para a competente aprendizagem do português. Estamos diante de um tema, como bem se vê, essencial para a felicidade dos leitores. Na verdade, o autor consegue imaginar o quarto dos seus pais, local onde decorou o poema (peço aos leitores para resistirem por agora à incursão psicanalítica) e lembra-se da colcha escura da cama, o crucifixo, a janela a dar para um muro, o silêncio da tarde, o cansaço exasperante de ser criança e estar desocupado. Cá está, a poesia é um divertimento barato, façamos para já este ponto de ordem.

Portanto, esses versos de *Os Lusíadas* eram um canto de nomes indecifráveis, onde se misturava a ideia de praia (o autor não apreciava por

aí além) com nomes próprios de figuras clássicas (eram apenas nomes a soarem como personagens de telenovelas brasileiras). Mas o autor queria impressionar a sua família e, como a sua memória se prestou a servir a vaidade, sem grande esforço imprimiu na mente aquele virgiliano e bélico arranque da grande epopeia nacional: «As armas e os barões assinalados, que da ocidental praia Lusitana/por mares nunca de antes navegados/passaram ainda além da Taprobana.»

A rima e o som das palavras declamadas satisfaziam um certo sentido musical e dramático numa criança um pouco medrosa e com tendência para tremer diante das mandíbulas sangrentas da realidade. Contudo, a família do autor não ficou muito impressionada (ainda bem) e os versos decorados ficaram em ruínas, soterrados entre algumas recordações dolorosas, como a derrota traumática de um clube de futebol numa final europeia e um terrível, persistente e irracional, medo de morrer afogado no mar. Quando chegou a hora de o autor estudar Camões, de nada valeu saber de cor duas estrofes, nem o gosto pelo canto, nem a atração pelo ritmo cadenciado da poesia, pois na verdade só o aborrecimento adquiriu dimensões épicas.

O autor assume a sua culpa. Não tinha qualquer paciência para estudar problemas retóricos, lógicos ou de base aritmética e geométrica, fossem figuras de estilo ou polinómios. Só o interessavam o estímulo emocional (de fácil acesso) e a beleza das raparigas (de difícil acesso). Registou, desde logo, essa secreta ligação entre a poesia, linguagem afetada por considerações obscuras e sentimentais, e a conquista do afeto feminino. Convencido de como essa ligação seria linear (lembremos, o autor era muito ignorante em física mecânica), começou a desenvolver um gosto pelo que chamamos a literatura: a épica declamação de um coitadinho quando olha para a sua desgraça. Mal sabia que, no tocante a raparigas e respetiva experimentação de prazeres proibidos, se tratava de outro continente, onde a competência linguística e poética sofre a concorrência dos padres (com a sua penalidade de esfomeados em prazeres sensuais), das fobias biológicas, dos sonhos burgueses (benza-os deus), os nossos e os dos nossos pais, e até das dificuldades em arranjar dinheiro para comprar uns ténis ou umas calças decentes.

Na verdade, Camões foi feliz ao referir «os tiros desordenados de cupido» como imagem desse acidente perigoso que é o amor. Mas nesse momento, ao entrar nos quinze anos de vida, quanto mais lágrimas corressem, quanto mais fosse estimulado o prazer corporal de se sentir vivo,

pela euforia do desejo amoroso ou pela contemplação da tristeza, mais rápido correria o tempo e menos a consciência sofreria com a incerteza do futuro. O autor queria gratificação, e rapidamente! Como era demasiado bem-educado, reprimido — ou medroso — para aventuras arriscadas, fosse com raparigas ou com substâncias artificiais, a poesia era um mundo barato e disponível. Mas Camões resistia ao modelo económico da felicidade deste autor que vos fala. Qualquer desmontagem mecânica da épica camonianiana resultava num esforço entediante, o tempo deixava de passar e era como se o futuro deixasse de existir, e a vida do autor na Terra se transformasse na eterna interpretação de frases, onde — digamos com coragem — o autor não sentia grande temperatura poética. Tétis e Febo, Neptuno e Marte, Baco, Dóris, Nereidas! No fundo, é muito exasperante ler poesia quando somos forçados a consultar o dicionário a cada milímetro captado pelos nossos olhos corredores, o que nada contribui para uma boa experiência do utilizador. Bem sei, a juventude está perdida, ou pelo menos estará o autor destas linhas já perdido. Não sabe retirar prazer do esforço e do trabalho. Talvez seja isso. Mas é uma realidade que temos de enfrentar com a devida coragem (e o devido esforço e trabalho).

Com efeito, toda a leitura era condicionada pela atmosfera sufocante da sala de aula, onde o amor pela poesia desaguava num bombardeamento de perguntas deprimentes, para não dizer impotentes e inférteis. Comenta a adequação do nome desta parte da obra; justifica a escolha das Tágides para destinatárias da Invocação; dada a natureza dos elogios do poeta ao rei poder-se-á falar em louvor/incitamento; que evolução se deteta no estado de espírito do poeta; justifica devidamente a tua opinião; o poeta manifesta uma atitude de desânimo? De onde advém esse desânimo? Comenta a adequação, refere o significado, justifica a escolha, explica a relação. Comenta, refere, justifica, explica, analisa, expõe. Mas não chores, não te leva a lado nenhum.

Como diria o próprio Camões: «Que não posso escusar trazer escrito/ em papel o que na alma andar devia.» Há quem chame a isto, preguiça, outros alegam insensibilidade, os mais impacientes gritam: ignorância. O autor aceita as acusações com um voto de protesto. Nem tudo se explica pela imaturidade. Poucos anos depois, o autor viu uma peça de Shakespeare, *Titus Andronicus*, e por pouco não saltou da cadeira, no teatro, para intervir na ação. Correram lágrimas no seu rosto quando Lavínia se agitou de mãos cortadas e língua arrancada, ou quando

explodiu a fulgurante invenção da linguagem no discurso do velho pai e general, traído pela perversa Roma a quem serviu. O autor agitou-se na cadeira, coçando as orelhas, cruzando e descruzando as pernas, diante dos gemidos de Lavínia, diante da esclarecida descrição dessa pantanosa fronteira entre natureza e artifício. Tudo era excitação ou, como dizem os críticos do jornalismo, espetáculo, tudo era sensacionalismo, ou se quisermos, tudo era televisão em movimento.

Claro que Shakespeare queria criar um público, ganhar dinheiro, enquanto Camões pretendia bajular um rei, construir pateticamente um sentido patriótico de povo, e inscrever o seu nome na galeria dos poetas imortais. Razão pela qual o pobre Camões — sendo uma inteligência prodigiosa e um insuperável dominador da linguagem — se arrasta tantas vezes no aborrecimento, e com ele, por culpa de todos nós, se arrastam os pobres estudantes, exegetas forçados da literatura pátria. Apesar do estilo grandiloquente e corrente, e do som alto e sublimado, toda a gente prefere jogar computador, ir às compras ou ter relações sexuais (que julgue quem não pode experimentar). A culpa do aborrecimento, portanto, não é de Camões. O homem escreveu para o meio editorial e para o universo mental do seu mundo. No fundo, não somos assim tão responsáveis pelos resultados da nossa vida, por muito que isto enfureça os penalistas e os vendedores de seguros. Em todo o caso, também não censuro aos professores a incapacidade para tornar *Os Lusíadas* um tema interessante para adolescentes suburbanos. Não desejo a ninguém o dever de ser respeitável e ensinar literatura.

Quanto a Camões, é para nós cada vez mais um mistério, à medida que o passado se afunda no esquecimento. Camões escreveu obsessivamente sobre si mesmo. Embora tenha publicado pouco. Uma ode a elogiar os *Colóquios dos Simples e das Drogas* (1563) para introduzir um livro do seu amigo, Garcia de Orta, cripto-judeu cujos ossos foram queimados postumamente — e convém não esquecer este singelo facto, agora que o movimento de recuperação da ciência jesuítica no século XVI e XVII parece animar as nossas universidades. Além disso, Camões também forneceu um elogio à *História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* (1576), de Pero de Magalhães Gândavo. Para lá disto, sabemos muito pouco. Jorge de Sena, com a sua habitual e distorcida franqueza, resumiu o problema: sobre frágeis informações, acumularam os biógrafos e especialistas montanhas de irrelevante erudição ou romanesca imaginação. Por vezes aparece um pobre aspirante a escritor — como é o caso deste autor que

vos fala — a subir aos ombros do poeta zarolho, pedindo emprestado um pedaço do seu prestígio. Uma infâmia talvez, para quem terá chegado tarde a Camões. Pelo menos o autor nunca foi, embriagado, urinar na estátua do poeta. Mas vontade não lhe faltou.

BASTARDO, JUDEU OU SIMPLEMENTE ESCUDEIRO?

O avô de Camões, Vasco Pérez de Camões, invadiu Portugal com as hostes de Castela e acabou derrotado em Aljubarrota. Mas isso não era mácula definitiva. Camões era aparentado com meio Portugal e, por isso, também tinha familiares entre os vencedores da crise de 1383-1385. O sangue de Inês de Castro corria ainda nas suas veias. Quando Camões nasceu, por volta de 1525, podia incluir-se no grupo dos escudeiros. Ser escudeiro era função antiga, ajudar o cavaleiro a armar-se e a montar. Ou seja, Camões era um Sancho Pança. Mas desde os fins da Idade Média os escudeiros confundiam-se com os cavaleiros, pois na guerra eram por vezes mais eficazes. Podiam liderar tropas, embora não pertencessem à nobreza de sangue. Conta-se a história de Manuel Cirne, feitor na Flandres e cristão-novo. Fez fortuna e foi viver para o Porto como um fidalgo. Um grupo de raparigas foi gozar com Manuel Cirne para debaixo da sua janela, cantando: «Manuel Cirne, escudeiro/ Quem vos fez cavaleiro?» «Meninas, o meu dinheiro», respondeu o espirituoso homem. Ora, os escudeiros podiam nobilitar-se e podiam enriquecer nos negócios, mas eram em geral concorrentes dos licenciados e professores. Eram autodidatas com conhecimento do mundo e disputavam o entretenimento, sobretudo a literatura, mas também a escrita de correspondência, as secretarias, as contas dos gastos e receitas, ou seja, cargos menores no governo da fazenda. Tinham aspirações mas estavam entalados na tortuosa escadaria do prestígio social.

A sociedade portuguesa vivia um período de excitação. Não era assim tão difícil (talvez menos do que hoje) progredir em fama e estatuto, nascendo escudeiro. Vasco da Gama, depois conde da Vidigueira, era um escudeiro, filho de um oficial da fazenda. Na verdade, Camões estava entalado entre a alta nobreza e a multidão de nobres sem terem onde caírem mortos. Teve infância misteriosa e não andou na universidade, ou pelo menos não há registo de lá ter andado. Tal como Shakespeare, Camões sabia pouco latim, e ainda menos grego. Mas tinha lido os poetas: Petrarca, Garcilaso,

Boscán, Bembo, Sanazzaro, Ariosto. E também as crónicas do reino, como as do génio Fernão Lopes. Mas também leu Platão, Justino, Plotino, Plínio, Cícero e Plutarco. Leu Homero, Vergílio, Horácio, Lucano, Ovídio. Era um literato, mas dos bons. Os biógrafos vasculharam a sua poesia à procura de pistas sobre a sua infância. «Assim criado fui, para que bebesse/O veneno amoroso, de menino/ Que na maioridade bebera/ E por costume não me mataria.» Mas nunca sabemos muito bem a que Camões se refere nestas lamentações crónicas.

Camões foi criado na Casa dos Noronhas, servindo D. Francisco e D. Violante. Frequentou o palácio do infante D. Duarte, dos duques de Aveiro e Bragança. E o palácio dos condes do Vimioso. Era também amigo dos marqueses de Vila Real e dos marqueses de Cascais. Naquele tempo, era costume muitos dos jovens com alguma aparência de nobreza, mas sem grandes posses, terem acesso à mesa do rei e serem frequentadores das grandes Casas do reino. Aprendiam letras e faziam companhia aos filhos dos aristocratas, serviam para o número nas brincadeiras, iam aprendendo a arte de não contar para nada com um sorriso nos lábios. Camões terá sido desses. Mas a pouco e pouco, foi perdendo o sorriso.

POR GAJAS E ZARAGATAS, PERDEU UM OLHO

Ao longo da vida, as mulheres terão sido muitas, e desde cedo. D. Guiomar, filha dos condes do Redondo. Ou D. Francisca de Aragão, a mais importante mulher da Corte, a seguir às damas da família real. Quanto a uma suposta Natércia, citada nos poemas de Camões, há quem defenda ser um anagrama para Catarina de Ataíde. Mas existem três Catarinas de Ataíde, incluindo uma neta de Vasco da Gama. Por isso, deixemos desde já estabelecido que vamos entrar num campo muito instável.

Camões estava em Lisboa desde os 18 ou 19 anos. Convivia com as mulheres letradas, em torno da infanta D. Maria. O historiador do século XIX, Oliveira Martins, no seu belo livro *Camões* (1891) fala no trio típico da juventude do poeta: mulher, mesa e amigos. Com efeito, Camões participava de um certo luxo, as camisas bordadas, as ceroulas de chameleto, as carapuças de solear e os chapéus de abas exageradas. Andava bem vestido, o que para um suburbano nos dias de hoje é uma tarefa não só épica como muito dispendiosa. Devemos aplaudir. Mas Camões adquiriu fama duvidosa. Talvez se tivesse iludido, e tomasse liberdades perigosas. A representação da comédia *El-rei*

Seleuco em 1545 pode ter sido o motivo do primeiro exílio de Camões, embora a atribuição dessa obra ao poeta seja problemática, pois apenas foi impressa em 1645, cem anos depois, na conhecida edição das *Rimas*, na melhor casa impressora de Portugal à época, a oficina de Paulo Craesbeeck. A peça *El-rei Seleuco* era uma transparente sátira a D. Manuel, que em terceiras núpcias casara com D. Leonor de Áustria, a noiva do filho. Se Camões era o autor, o sarilhão era evidente. D. Catarina e D. João III não apreciaram a brincadeira, isso parece ser evidente. Em todo o caso, por essa altura, Camões tinha já uma reputação sólida como poeta boémio. Chamavam-no trinca-fortes. Frequentava tabernas, os locais dissolutos de Alhos Vedros e do Barreiro, andava pela Rua Nova e pelas casas de boticários, o que talvez indiciasse um interesse por substâncias alucinogénias. A sua vida era passada com os fidalgos pelas ruas, acompanhados de maltas de escravos, mulatos e negros.

Recapitemos. Camões tinha servido na Casa dos Noronhas. E quando D. Francisco, marido de D. Violante, foi a França em missão diplomática, e levou a mulher, cerca de 1544, Camões, apaixonado pela senhora, temia ser esquecido. Muitos dos seus poemas sublinham o tópico do marido enganado, são lamentos de um poeta imaginando a amada, entre a neve e o frio do inverno francês. Nesse ano, Camões veio de Coimbra para Lisboa, onde pretendia ganhar fama na Corte. Mas em breve estaria no calor mórbido de Ceuta. Há quem interprete a viagem para Ceuta como o resultado de um caso escandaloso, o envolvimento de Camões com uma mulher aristocrata e casada, precisamente Violante, casada com D. Francisco, filha do tesoureiro-mor e nora do conde de Linhares e escrivão da puridade. As línguas do paço, afiadíssimas, não devem ter perdoado. Se é ou não verdade este caso, não pode provar-se, mas é indiscutível que o marido de D. Violante, D. Francisco, mordomo-mor de D. Catarina, viveu separado da mulher no final da vida. Também não restam dúvidas sobre a má opinião da Corte acerca da conduta de D. Violante. Mas sobre condutas, nunca se sabe. Como esta senhora não escreveu sobre as armas e os barões assinalados, a posteridade foi-lhe menos simpática.

Para ser honesto, não sabemos qual a razão para Camões ter abandonado o reino em 1547. Talvez tenha ido a Ceuta, com os homens das Casas de Vila Real e Linhares, a quem estava ligado, no intuito de subir socialmente e alcançar um bom casamento. Ou terá partido para o norte de África, como muitos outros, em busca de estatuto e bens materiais, pois o saque dos campos circundantes das praças era tão legítimo como ir à missa. Camões tinha vinte e dois anos. Espírito de aventura não faltaria.

Mas o facto de mais tarde, quando regressou da Índia, não se terem mencionado estes serviços na hora de pedir ao rei remuneração pela carreira, indica que este primeiro desterro pode também ter tido razões pouco recomendáveis.

Como facto assente, sabemos que Camões perdeu o olho direito neste desterro em Ceuta. Um personagem da época, Faria e Sousa, literato e figurão político, com vida atribulada e um amor irrepreensível a Camões, refere no seu português antigo o esvoaçar de uma «centelha ou áscula ressurtida de um canhão aceso disparado pelos mouros no estreito de Gibraltar» indo parar direitinha ao olho de Camões. É inegável que o poeta se mostrou muito impressionado com o poder destrutivo da artilharia e o estrondo dos canhões está sempre presente como pano de fundo ao longo de *Os Lusíadas*.

QUANDO CAMÕES, POETA NACIONAL, TENTOU O CLÁSSICO MÃE-FILHA

As *Ordenações Manuelinas* previam pena de morte para quem dormisse com a filha do amo sem autorização. Mesmo não sendo a pena de morte muito frequente, não deixava de ser um aviso, digamos, dissuasor. Camões alude muitas vezes na sua poesia à perseguição movida por uma mulher de alta condição. Todos os especialistas e curiosos são unânimes neste ponto: um antigo amor converteu-se em ódio. Mas ninguém sabe porquê e ninguém se entende quanto à identidade dessas mulheres. José Hermano Saraiva, o carismático ministro de António Salazar, escreveu um livro sobre o assunto, *Vida Ignorada de Camões* (1978), e apesar da mirabolante hipótese aí avançada, é justo reconhecer, o livro é uma obra-prima de erudição, inteligência e humor. Um livro que o preconceito político tem tratado mal. O professor Hermano Saraiva refere que por alturas do desterro em Ceuta, a paixão de Camões se alterou. Ou seja, o desejo de Camões mudou de ramo na árvore genealógica. Joana, a filha do seu antigo amor, captou a sua atenção, o «contentamento/breve, imperfeito, tímido, indecente/ que não foi senão semente/ de longo e amaríssimo tormento». Mas ao apaixonar-se pela filha, moveu o ódio da mãe. Grande Camões. Neste sentido, acabou por servir, em vários sentidos, a mãe da família, Violante.

O caso era insólito, e dizemos insólito por decoro, sabendo que a

indústria pornográfica explora o tema com bastante assiduidade. Em suma, ao voltar de Ceuta, Camões apaixonou-se pela jovem filha da sua antiga amante, D. Violante de Andrade. O lado mais escabroso, para as nossas consciências, consiste em saber que, nesta época, cerca de 1550, Camões teria vinte e cinco anos e Joana cerca de doze. Todavia, na época, era relativamente normal, podem ficar descansados se quiserem inserir este livro no Plano Nacional de Leitura dos nossos jovens. Note-se ainda como a famosa Julieta, descrita por Shakespeare como protagonista de uma paixão ardente com o fogoso Romeu, teria apenas catorze anos. Mas normal não quer dizer legítimo, e muito menos socialmente aceite.

Segundo uma versão popular, a razão pela qual Camões foi parar a Constância, nesta fase, deveu-se a uma necessidade de o afastar da jovem Joana. Terá estado preso no castelo de Punhete (assim se chamava Constância) em 1550, numa cela hoje submersa pelo rio. Quando mais tarde partiu para a Índia, por ter causado ferimentos graves a uma pessoa, numa zaragata, Camões já tinha problemas com a justiça, e por isso teve de apresentar fiador, na hora de partir para o exílio, o que é um pequeno e frágil elo na corrente hipotética deste escândalo amoroso. Com efeito, para quem pretenda saber mais sobre o assunto, o professor Hermano Saraiva, com dotes de malabarista, interpreta toda a lírica em função desta bela tese. Apesar de o livro ter movido na época a crítica severa do prestigiado académico Aguiar da Silva (e peço desculpa aos leitores pela incursão nestas arcas cheias da genuína naftalina académica), devemos ter cuidado na hora de tomar posição.

Camões tem sido pau para toda a obra, são os ossos do ofício. Podemos acrescentar vários provérbios no mesmo sentido. Para o provar, basta referir como o hoje famoso e premiado Frederico Lourenço, tradutor exímio da Épica Grega e da Bíblia, avançou, numa sua ignorada obra de ficção, com a tese do Camões homossexual. Espero ainda convencer um editor a publicar a minha tese, pois também tenho uma: o Camões benfiquista. O professor Aguiar e Silva na sua severa crítica do José Hermano Saraiva, incluída no rigoroso e enxuto *Camões: Labirintos e Fascínios* (1994), também não apresenta grandes explicações para algumas das dilacerantes queixas de abuso, apresentadas por Camões na sua lírica, para lá de uma enxurrada de citações clássicas. Com efeito, Camões nunca se cansa de nadar numa torrente de sadomasoquismo atormentado, perseguições, erros, culpas, prisões e desterros. Mesmo tendo em conta os padrões dolorosos e neoplatónicos da poética amorosa quinhentista,

parece dor a mais para quem não tenha experimentado, de facto, e na pele, perseguições bastante palpáveis. E não seria por andar a trocar olhares com moças descomprometidas em igrejas.

Apesar de o escândalo, em geral, ser um assunto pouco simpático ao perfil sorumbático dos professores universitários, este escabroso envolvimento com a neta do poderoso conde de Linhares correspondia a um tipo de transgressão social relativamente comum na época, voltamos a referir. Não parece muito adequado dispensar a tese de Hermano Saraiva, dizendo tratar-se de uma telenovela, como escreveu o senhor professor Aguiar e Silva. Basta pensar no caso da infanta D. Maria, filha de D. Manuel e irmã de D. João III, ou no caso entre um pajem e a jovem mulher de um duque de Bragança (que resultou num horrível crime) ou no caso do próprio filho de D. Violante e irmão de Joana, o infeliz D. António de Noronha, filho de Francisco e Violante, a quem Camões serviu como percetor e mestre. Este D. António terá caído sob o efeito hipnótico da paixão, ainda adolescente, por uma dama do Paço, de condição inferior, chamada Margarida Silva. O pai tomou medidas para levar o rapaz para Ceuta, a servir nas guerras de fronteira, nas praças marroquinas. Antes o queria ver morto do que envolvido em escândalos amorosos. E lá ficou, morto nas malhas que o império tece, o pobre António. Dizem que foi degolado e a cabeça não voltou a aparecer. Tinha dezassete anos. Ainda que Aguiar e Silva, na sua autoridade professoral, acuse Hermano Saraiva de construir uma telenovela, entre a telenovela e a sala de aula venha o diabo e escolha.

PODE UM DESEJO IMENSO LIXAR A VIDA DE UMA PESSOA

Na verdade, os famosos e platónicos versos da ode *Pode um Desejo Imenso* são uma prova das capacidades poéticas de Camões. Ali se elogia, numa metáfora magnífica, a capacidade de quem com olhos imortais lê mais do que vê escrito. É também uma capacidade comum aos malucos, mas deixemos por agora esse pormenor. Contudo, a deprimente modernidade não aprecia muito estes abusos de interpretação. Quanto à identidade das mulheres ligadas a Camões, apesar da excruciante curiosidade do público, é um tema intratável. Nem sequer há certezas sobre a muito conhecida escrava Dinamene. Hermano Saraiva nega a versão da

mulher asiática, e vê em Dinamene um criptónimo, um nome encriptado e escondido para designar a sua paixão secreta, Joana, a já referida filha de D. Violante. Na verdade, como explicar o facto de ninguém ter descoberto antes este escândalo sexual? Bem, o caso era grave e incluía durante séculos a honra de pessoas importantes. Para lá dos condes de Linhares, o famoso Francisco de Andrade, o prestigiado cronista do reino, era tio de Joana. Diogo Paiva de Andrade, sobrinho de D. Violante, terá tentado esconder os factos. Pode explicar-se a insistência na tese dos amores de Camões por obscuras damas do paço como o resultado de uma conspiração de silêncio. Grande parte da lírica aponta para mulheres de elevada condição, e não parece, de facto, muito consistente que o soneto *Alma minha gentil que te partiste* fosse dirigido a uma escrava naufragada, sobre a qual, a bem dizer, também não há registos documentais. Na verdade, muitos autores parecem interessados em defender a tese da mulher exótica, Dinamene, a partir de um fragmento de um autor contemporâneo de Camões, Diogo do Couto. Segundo o professor Hermano, Dinamene aparece na lírica muito antes da viagem de Camões pelo Oriente. Quaisquer que sejam as identidades destas mulheres, pode contudo estabelecer-se a inclinação de Camões para casos ardentes e perigosos.

Camões era um homem atento. Um tema recorrente na sua poesia é o da nudez ao sair do banho. São famosas as suas elaborações em torno do conhecido mito de Actéon. Este exímio caçador, passeando pela floresta com os seus ferozes cães, viu a deusa Diana nua a banhar-se nas águas de um regato. Como retaliação perante esse privilégio proibido, Actéon foi transformado em veado e devorado pelos seus próprios cães. Esta narrativa cruel e pedagógica parece ter comovido Camões. O desejo de participar da beleza feminina desnuda podia colocar em marcha forças obscuras, levando o homem a cometer erros fatais, por sua própria culpa. Tendo ou não sido preso em Constância, Camões estava já inscrito nos livros da Casa da Índia, a fim de viajar para o Oriente. Mas foi proibido. Joana terá sido enviada para a Índia, uma solução forçada para o amor proibido com Camões. Mas a viagem correu mal, e Joana terá morrido num naufrágio. Uma coisa é certa: a ser verdade, torna a obsessão de Camões com a culpa muito mais inteligível.

Se Joana, filha de Violante, morreu algures no verão de 1551, Camões terá vindo para Lisboa no final desse ano. Mas voltaria a ser preso em breve. Com alguma liberdade, podemos dizer que o envolvimento de Camões numa zaragata revela um espírito nervoso, o que se adequa a um homem frustrado por uma tragédia e fragilizado perante o poder satírico e o preconceito da Corte. A 16 de junho de 1552, no dia do Corpo de Deus, ocorreu a famosa briga, perto do Rossio, em Lisboa. Um certo Gonçalo Borges, empregado no Paço, foi provocado por dois espadachins mascarados, quando passava na rua de Santo Antão. Segundo a versão corrente, Camões ia a passar e ao reconhecer os dois espadachins mascarados (estranho) como seus amigos (estranho) deu uma espadeirada no tal Gonçalo (estranho). Com efeito, atingiu o pescoço do criado com gravidade e foi preso. Casos de zaragatas com armas brancas eram, apesar de tudo, relativamente comuns, mesmo entre as classes mais altas, sendo também normal andarem mascarados, daí o célebre ditado «quem tem capa, sempre escapa». Mas a severidade da pena dada a Camões espanta. Em vez de apenas três anos de degredo no norte de África (muito mais perto), Camões apanhou oito meses de prisão na cadeia do Tronco, a mais severa de Lisboa, mais o pagamento de uma quantia elevada e degredo para a Índia.

Camões esteve preso na cadeia do Tronco, com ferros atados ao tornozelo como mandava a lei, e pagou o imposto de carceragem (para serviços, água e luz da candeia) mais o dinheiro pago ao ferreiro. Havia pouco espaço, e os guardas espoliavam os presos com um comércio escandaloso, vendendo tudo pela hora da morte. As sardinhas, por exemplo, custavam dez vezes mais! Camões não tinha estatuto nobre. Apesar do trato com gente grande, andou sempre metido em sarilhos, o que nos faz desconfiar da sua capacidade de influência. A língua verrinosa tem os seus custos. Na verdade, apesar de tudo, Camões acabou por safar-se. O assunto foi tratado com rara celeridade, e em treze dias o processo parece ter subido duas vezes à apreciação do rei, o que era de facto notável. Podiam passar anos até uma causa ter despacho feliz, assinada por mão régia. Neste caso, por duas vezes e em apenas duas semanas, o processo de Camões seguiu despachado. Era obra. E misteriosa. Foi feito o pagamento e lavrado o perdão. E por isso, Camões partiu para a Índia. Na verdade, a rapidez com que o processo foi tratado pode ser um sinal da estima com que Camões era tratado, dando-se

intervenção de gente com influência, como é comumente estabelecido pelos especialistas. Ou talvez Camões tivesse, na briga, tomado as culpas de alguém mais poderoso. Ou talvez alguém, ainda, quisesse Camões longe de Lisboa o mais depressa possível. Era um poeta bem-parecido, apesar de zarolho, solteiro e declamador, com tendência para se apaixonar. No fundo, era um perigo à solta.

NÃO HÁ PIOR EXÍLIO DO QUE SER ENVIADO PARA UMA TERRA SEM MULHERES

A 24 de maio de 1553, Camões partiu para a Índia, tinha vinte e oito anos, curiosamente, a mesma idade de Vasco da Gama quando se dirigiu ao Índico. Desterrado, Camões podia agora identificar-se com Ovídio, poeta muito amado. Chegado a Goa, queixou-se da falta de mulheres. Escreveu o poeta: «as portuguesas todas caem de maduras, que não há cabo que lhe tenha os pontos, se lhe quiserem lançar pedaço». Quanto às indianas, «além de serem de rala, se ouvirem Petrarca ou Boscán, respondem-nos uma linguagem semeada de ervilhaca, que trava na garganta do entendimento, a qual vos lança água na fervura». Ou seja, Camões temia passar dificuldades. Em novembro foi na expedição militar a Cochim a bombardear o inimigo. Em fevereiro de 1554, produziu o lendário resumo da sua condição inativa, pois por ali andava «mais venerado do que um touro da Merceana, mais quieto que a cuba de um frade pregador». Escreveu a peça *Filodemo* para as festas de receção ao novo governador. Não resistiu a satirizar figuras importantes e, talvez para o poupar a sarilhos, foi agraciado com o ofício de Provedor dos Defuntos e Ausentes na armada que ia para Macau. Uma solução para o afastar de Goa?

Apesar de ser um lugar remoto e despovoado, pois Macau era uma oferta recente, por serviços dos portugueses na limpeza de pirataria nos mares da China, o ofício não deixava de ser relevante. E os proveitos podiam ser grandes. Muitos fizeram fortunas e criaram impérios familiares no comércio somente a partir das Provedorias. E o mar da China era fértil em comércio. Na primavera de 1556, lá andaria Camões por Macau, onde a lenda o surpreende, refugiado numa gruta, a ouvir o bramir do mar, escrevendo poemas ao correr da pena. Nada disto parece ser verdade, claro. Passou dois anos em Macau, e lá terá encontrado com que se entreter, mas em condições menos românticas. Muito provavelmente, consumiu os

recursos dos órfãos e ausentes em jogos a dinheiro e com prostitutas. No regresso a Goa, sucedeu o famoso naufrágio no Camboja, na foz do rio Mekong, onde Camões, segundo a tradição, salvou a nado o manuscrito de *Os Lusíadas*. Esta história, digna de um épico popular de Hollywood, sempre me pareceu mais absurda do que qualquer orgia aristocrática com as Noronhas. Salvar um conjunto de papéis, mesmo encadernados, nadando? Quanto tempo teria estado Camões dentro de água? E resistiria a tanta, mesmo no caso de não ter largado o manuscrito? E o papel ensopado? Levava o livro dentro de um baú?

LADRÃO, VIGARISTA OU POUCO TALENTOSO PARA A MATEMÁTICA?

Quando Camões chegou a Goa, foi acusado de irregularidades no serviço como provedor e foi preso. Quando o seu amigo de juventude, D. Constantino de Bragança, chegou a Goa como vice-rei, Camões foi solto. Logo participou na tomada de Damão. Talvez tenha andado depois na habitual armada nas costas da Arábia, participando no saque do comércio muçulmano. Uma dessas viagens acabou mal para os portugueses, no cerco de Barém, tal como conta Diogo do Couto na *Década VII*. Camões voltou a Goa, entre 1559 e 1561, onde terá vivido sossegado mas na penúria. O vice-rei era agora o conde do Redondo, também seu conhecido. Alguns autores referem uma viagem ao Japão, entre 1564 e 1566, mas é uma hipótese remota. Pouco depois, Camões foi novamente preso, desta vez por dívidas a Miguel Rodrigues Coutinho. O conde do Redondo conseguiu safar Camões mais uma vez.

A partir de 1562, Camões foi protegido pelo vice-rei. Passava o seu tempo na companhia de um grupo de amigos, entre os quais Diogo do Couto e Garcia de Orta. Partiu nesse ano de 1567 para Moçambique, com o capitão Pedro Barreto. Ficou então pela Ilha de Moçambique e aí deve ter escrito uma parte substancial de *Os Lusíadas*. Foi nesse entreposto colonial, o porto de apoio às armadas portuguesas do Oriente, entre o mar calmo e o plácido casario, que os amigos o foram encontrar, em 1569, em estado miserável, quase sem dinheiro para comer. Daí terá ficado estabelecida a lenda do poeta faminto e esquecido. Diogo do Couto convenceu alguns dos amigos a pagarem a viagem de Camões. O poeta regressava a casa.

EM BUSCA DO DINHEIRO PERDIDO

A armada de regresso esteve fundeada ao largo de Cascais, pois Lisboa estava sob o efeito da peste. Aí morreu o amigo de Camões, Heitor da Silveira, doente, já com a terra à vista. Diogo do Couto foi a Almeirim pedir ao rei a entrada no Tejo. Camões regressou a Lisboa e trabalhou afincadamente para publicar *Os Lusíadas*. Saiu o livro em 1572. A obra foi entendida como um louvor da monarquia, embora fosse muito mais do que isso, e os censores, por real sensibilidade literária ou por estupidez, deixaram passar esta ambígua e violenta reflexão sobre o desconcerto do mundo, pois também ali encontraram muito material de bacoco louvor à coragem congénita dos portugueses. Camões era um monárquico convicto, sem sombra de maquiavelismo, como ficou esclarecido nos estudos de vários professores eruditos. Ou isso, ou era um maquiavélico de eleição, perseguindo os seus fins sem deixar qualquer ponta solta nos seus escritos, publicados em busca de dinheiro e estatuto. Parece mais ou menos evidente que Camões, como qualquer escritor que se preze, deu uma no cravo, outra na ferradura, pois diversas são as mentes dos leitores e confusas as voltas do mundo, sendo obrigatório dotar o texto de todas as possibilidades de interpretação. É necessário deixar coito em todas as moitas, não vá o diabo tecê-las. Como chamou a D. Sebastião «maravilha fatal da nossa idade» lá deixaram passar o livro. Sendo que o adjetivo «fatal» não deixa de ser enigmático.

Não sabemos muito bem porquê, mas *Os Lusíadas* arrastaram-se na impressão. Não há muitas informações sobre o preço da obra e menos ainda sobre a sua sorte comercial. Pode ter sido Camões a pagar a impressão — o que era muito normal na época — e a tença oferecida pelo rei D. Sebastião, somente paga a partir de 1572, pode explicar o arrastamento da edição, como bem viu Vasco Graça Moura no seu magnífico estudo sobre a primeira edição de *Os Lusíadas*, incluído em *Os Penhascos e a Serpente* (1987). Aceitar um custo de 100 réis por livro impresso numa edição de cem exemplares não parece inadequado. Certo é que o impressor António Gonçalves encerrou atividade em 1576 e vendeu o seu material de imprensa. Camões, não sendo o principal culpado, terá contribuído para a falência do pobre impressor. São coisas que acontecem quando se editam livros de poesia.

Nesse ano de 1572, o rio Tejo gelou, num inverno terrível de frio e chuva. No ano seguinte, em 1573, Lisboa sofreu cheias devastadoras. Pouco tempo depois, em 1575, um incêndio terrível consumiu quase meia cidade. Camões vivia da sua pensão pelos serviços no Oriente, e a publicação de *Os Lusíadas*, mesmo sendo desconhecidos os termos do negócio editorial, deve ter rendido alguma coisa. Mas a tradição regista o fim da sua vida como agonizante. Mesmo sendo um quadro romântico, não é difícil imaginar o escravo que Camões trouxe da Índia, a pedir esmola para o seu senhor, nas ruas de Lisboa. A corte andava muitas vezes nesta época longe da cidade, e por isso era mais difícil pedir dinheiro aos ricos. André Falcão de Resende escreveu mais tarde sobre a má sorte dos poetas «compondo seus poemas sem proveito», sendo mais «galantes os truões e chocarreiros, que aprazem aos reis, aos príncipes e aos infantes». Mas Resende devia ter acrescentado que ninguém é obrigado a ser poeta. O pobre Diogo Bernardes, também famoso poeta na época, multiplicou pedidos de apoio à sua expressão artística, andava na sombra de um poderoso secretário do rei, Pero Alcáçova Carneiro, o que implicava o sacrifício: aqui e ali, tinha de introduzir no canto um louvor de encomenda.

Mas não há dúvidas de que a pensão paga a Camões, para lá de chegar muitas vezes com atraso, era bastante magra. Os 15.000 réis atribuídos pelo «livro das coisas da Índia» eram pouco mais do que recebia um guarda ou porteiro de uma instituição régia. Se compararmos com outras pensões atribuídas nessa época, como o guarda-mor da Torre do Tombo, um cargo de enorme importância, é certo (falamos do responsável pela memória política e jurídica do reino), falamos de valores na ordem dos 140.000 réis. E nessa altura, um médico e astrólogo recebeu 150.000 réis, como notou Vasco Graça Moura no seu estudo sobre a primeira edição de *Os Lusíadas*. Camões foi agraciado com um valor próximo do necessário para pagar roupa e alimentação de um escravo. Era esse, portanto, o seu estatuto. Mas é justo reconhecer: o rei não tinha encomendado nada e, apesar de tudo, agraciou o poeta com dinheiro. Não me parece uma fortuna, mas também não é caso para se falar em ingratidão.

Com pouco dinheiro, Camões deve ter definhado nesses últimos anos. Ainda recebeu as notícias do desastre de Alcácer Quibir, onde morreu a «maravilha fatal da nossa idade». Mas não se imagine Camões dilacerado pelo destino pátrio, comovido com a morte do jovem rei. Passara uma grande parte da vida entre tiros de canhão, vendo corpos dilacerados, roubos,